

ORALIDADE E IDENTIDADE: UMA LINHA DO TEMPO DA ETNOMÍDIA INDÍGENA SONORA NO BRASIL

Orality and identity: a timeline of indigenous sound ethnomedia in Brazil

Oralidad e identidad: una cronograma de la etnomedia sonora indígena en Brasil

Deyse Alini de Moura¹

Luciano Victor Barros Maluly²

DOI: 10.31501/esf.v3i34.15663

Resumo: A etnomídia indígena é a apropriação dos meios pelos povos originários para a comunicação em defesa de seus direitos e em preservação de suas culturas e ancestralidade, produzida por e para eles (Nascimento, 2021). Por meio da pesquisa-ação, entrevistas e pesquisa bibliográfica, este artigo apresenta uma linha do tempo que situa as três principais iniciativas da etnomídia indígena sonora no Brasil, cada uma a seu tempo e a partir das tecnologias de comunicação em destaque em suas épocas.

Palavras-chave: Etnomídia Indígena. Mídia Sonora. Linha do tempo. Oralidade. Podcast.

Abstract: Indigenous ethnomedia is the appropriation of means by indigenous peoples to communicate in defense of their rights and in preservation of their cultures and ancestry, produced by and for them (Nascimento, 2021). Through action research, interviews and bibliographical research, this article presents a timeline that locates the three main initiatives of indigenous sound ethnomedia in Brazil, each in its own time and based on the communication technologies highlighted in their times.

Keywords: Indigenous Ethnomedia. Sound Media. Timeline. Orality. Podcast.

Resumen: La etnomedia indígena es la apropiación de medios por parte de los pueblos indígenas para comunicarse en defensa de sus derechos y en la preservación de sus culturas y ascendencia, producida por y para ellos (Nascimento, 2021). A través de investigación-acción, entrevistas e investigación bibliográfica, este artículo presenta una línea de tiempo que ubica las tres principales iniciativas de etnomedia sonora indígena en Brasil, cada una en su época y a partir de las tecnologías de la comunicación destacadas en su época.

Palabras-clave: Etnomedia Indígena. Midia Sonoro. Línea de tiempo. Oralidade. Podcast.

¹ Doutora, Fundação Nacional dos Povos Indígenas, Macapá – AP, Brasil. deyse.moura@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-5705-0170>

² Doutor, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil. lumaluly@usp.br | <https://orcid.org/0000-0003-4002-9185>

Introdução

De acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), a população indígena no país conta com 1.693.535 pessoas, o que representa 0,83% do total de habitantes. Com mais de 305 povos e a maior diversidade linguística do mundo (são mais de 270 línguas), os povos originários brasileiros têm como seus principais desafios alcançar e manter espaços qualificados para a discussão de suas demandas e para a expressão das diversas vozes que compõem essa parcela da população.

Após séculos de violências e abusos, os povos originários do Brasil organizam-se a fim de lutar por seus direitos e, nesse contexto, a apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm importante papel, permitindo que, a partir do uso, criem suas próprias redes comunicacionais, pautadas nas características e tradições locais de cada povo. É nesse espaço comunicacional que os indígenas encontram formas para contar suas próprias narrativas sobre os fatos e registrar o mundo conforme suas cosmovisões. As mídias tradicionais, que teriam esse papel – em nome do interesse público –, tendem a reproduzir estereótipos e a diminuir a visibilidade de informações sobre os povos indígenas nos meios de comunicação de massa, ou as trabalham sem a profundidade necessária (Demarchi; Gomes, 2022).

Um exemplo da necessidade e da força dessa comunicação aconteceu durante a Pandemia da Covid-19. Grupos populacionais localizados à margem das práticas tradicionais de comunicação, como diversos povos indígenas, passaram a produzir seus próprios conteúdos a fim de se informarem no enfrentamento ao vírus (Radler, 2023). Assim, eles fortaleceram a prática da etnomídia indígena

(Nascimento, 2021), forma particular de apropriação dos meios para a prática de uma comunicação em defesa de seus direitos e em preservação de suas culturas e ancestralidade, produzida por e para eles. Todavia, esse é um debate que antecede à crise sanitária mundial causada pelo coronavírus. De acordo com Milhomens (2022), após o período inicial de consolidação dos movimentos indígenas organizados, no final do século XX, tem-se ampliado a discussão sobre formas alternativas de produção e divulgação das pautas da população indígena, principalmente nas redes digitais, propiciando que as últimas décadas fossem de grande experimentação nesse sentido. A partir desse contexto, tem-se o problema desta pesquisa, baseado, principalmente, por apresentar a mídia sonora como uma alternativa útil e capaz de desenvolver a comunicação entre os povos indígenas.

Sendo um dos principais meios de comunicação eletrônicos do nosso tempo, a justificativa desta análise conduz a uma reflexão sobre a oralidade (ORTRIWANO, 1985) no processo de passagem entre o analógico e o digital, ou melhor, do rádio tradicional ao podcast. O rádio permite que o falante desempenhe o papel principal no processo de comunicação de massa, em que se conta, basicamente, com o som que parte do emissor e com a audição do receptor. Para Ferraretto & Kischinhevsky (2011), novas lógicas de produção, distribuição e consumo de conteúdos radiofônicos em um ambiente de convergência midiática levaram à expansão do rádio rumo às plataformas digitais, reconfigurando as práticas comunicacionais nesse meio, passando primeiramente por sua veiculação na internet e, em seguida, sendo atualizada para o podcasting³.

³ O termo podcasting é um neologismo que une o sufixo “casting” (distribuição ou difusão, no sentido midiático) com o prefixo “pod”, que representa o impacto dos tocadores portáteis de arquivos digitais de música (os chamados mp3 players), como o iPod, da Apple. Segundo Lopez (2010), o termo também pode ser derivado de Portable on Demand Broadcast (Transmissão por demanda portátil, em tradução livre) e não teria sido cunhado pelo criador do formato, Adam Curry, mas pelo jornalista Ben Hammersley, o primeiro a usá-lo em artigo do jornal inglês The Guardian, em fevereiro de 2004.

Desde seu surgimento, o podcast se apresenta como uma mídia de fácil acesso e baixo custo de produção, o que contribuiu para sua popularização, que atingiu seu auge no Brasil durante a pandemia (Moura, 2024). Primo (2005) reforça que, no rádio, a escuta é sincrônica à emissão do sinal; já no podcasting, o tempo de produção e publicação não coincide com o da escuta, o que permite flexibilidade tanto ao podcaster quanto ao ouvinte.

Além dos aspectos contextuais e econômicos que tornam o podcast um meio atrativo de comunicação a ser adotado por grupos tradicionalmente excluídos e marginalizados por uma mídia não democrática, a hipótese desta pesquisa está baseada na oralidade como característica fundamental da comunicação dos povos tradicionais que, a partir da mídia sonora, é amplamente utilizada pelos indígenas que buscam novas ferramentas para se fazerem vistos e ouvidos.

A metodologia aplicada relacionou pontos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), que possui como uma de suas características o fato de o grupo ou indivíduo não apenas saber que está sendo investigado, mas também conhecer os objetivos da pesquisa e participar do processo de sua realização (Travancas, 2006). Aliada a duas outras técnicas de pesquisa – a entrevista em profundidade (Duarte, 2006) e a pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2006) – a abordagem se deu por meio da imersão na vivência do dia a dia dos indivíduos entrevistados e em atividades culturais desenvolvidas nas comunidades visitadas.

A pesquisa-ação implica o engajamento do pesquisador no ambiente investigado e no envolvimento das pessoas do grupo no processo da pesquisa, que participam da formulação do problema e dos objetivos, ajudam no levantamento dos dados e se envolvem na discussão dos resultados (Travancas, 2006). Deste modo, segundo a autora, como nos estudos qualitativos em geral,

o objetivo da pesquisa-ação muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e da diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas, do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas.

Conforme aponta Stumpf (2006), a pesquisa bibliográfica, em sentido amplo, é o planejamento global inicial do trabalho de pesquisa, compreendendo as etapas de identificação, localização, obtenção da bibliografia pertinente ao assunto, e apresentação de texto sistematizado, em que é apresentada a literatura examinada. Já a etapa de entrevistas foi especialmente importante para ilustrar e ampliar as informações coletadas na pesquisa bibliográfica e permitir o alinhamento de dados para a construção da linha do tempo a partir dos pontos de vista de nossos interlocutores.

No quadro a seguir (Quadro 1), destacamos os meios analisados e os comunicadores selecionados para serem entrevistados. Um ponto essencial é que esses comunicadores trabalharam ou trabalham diretamente nas produções que serão elencadas em nossa linha do tempo da etnomídia indígena sonora no Brasil.

QUADRO 1
Entrevistas realizadas para a pesquisa

Programa / Veículo	Entrevistado/a	Local	Data da entrevista
Rede Wayuri	Cláudia Ferraz Wanano	São Gabriel da Cachoeira (AM) Entrevista <i>in loco</i>	Março / 2024
Rádio Yandê	Anápuàka Tupinambá	Rio de Janeiro (RJ) Entrevista online	Abril / 2024
Programa de Índio Rádio USP	Ângela Pappiani	São Paulo (SP) Entrevista online	Maio / 2024

FONTE – Elaborado pelo autor (2025).

A escolha dos objetivos de análise teve, como argumento, a relevância atribuída aos mesmos tanto por pesquisadores da área, autores das publicações analisadas durante a etapa de estudo bibliográfico, quanto pelos entrevistados, que contribuíram na fase em campo e que citaram uns aos outros como determinantes para a realização de suas respectivas iniciativas, a partir do impacto que suscitaram na geração seguinte. Além disso, foi possível observar nos três casos escolhidos uma evolução do processo constituído - que se diferenciam pelo conteúdo e canais -, como a Rádio USP/Programa de Índio (analógico), a Rádio Yandê (rádio online) e a Rede Wayuri (alternativas e podcast).

Este artigo tem o objetivo apresentar aspectos da comunicação dos povos indígenas por meio das mídias sonoras destacando três iniciativas da etnomídia sonora indígena no Brasil, cada uma a seu tempo e a partir das tecnologias de comunicação em destaque em suas épocas. Logo, o corpus desta pesquisa se completa com a apresentação das características da etnomídia indígena e a linha temporal dos três casos da história da mídia indígena sonora no Brasil, justamente para trazermos uma perspectiva final desta análise.

Etnomídia indígena

A partir do fim do século XX, após o período inicial de consolidação dos movimentos indígenas organizados, vem-se ampliando a discussão sobre formas alternativas de produção e divulgação das pautas da população indígena, principalmente nas redes digitais (Milhomens, 2022). No Brasil, há grupos com pouco ou nenhum acesso à informação e ao direito de voz para expressão de suas demandas, devido à lógica capitalista de funcionamento dos meios de comunicação dificulta a

participação de grupos minoritários na mídia e contribui para sua invisibilização (McQuail, 2012). Assim, é genuína a necessidade de apropriação de novos métodos de comunicação por parte da população indígena, para a qual a busca pelo espaço na mídia tradicional deu lugar à construção de alternativas próprias na área da comunicação, que se constituem, ainda, como ferramentas de defesa, de conscientização e de participação dos povos (Oliveira, 2017).

A luta dos povos originários por suas terras e pelo direito de ser e de existir são os elementos que constituem a etnomídia indígena, um tipo comunicação que não se define pela utilização dos aparatos técnicos externos, mas sim por sua apropriação para reforçar a ancestralidade e a identidade indígena (Nascimento, 2021). Para esses povos, é importante que a utilização dessas tecnologias não corrompa ou degenere suas culturas, e que esses artefatos sejam instrumentos de contribuição para a preservação da identidade cultural (Gallois & Carelli, 1998).

Sendo a oralidade uma das características principais da culturalidade indígena, o áudio constitui-se uma das formas de comunicação etnomidiática mais amplamente adotadas. A pandemia do Corona vírus proporcionou um contexto em que se pôde comprovar essa função essencial da mídia sonora para os indígenas brasileiros, por meio de rádios, podcasts e até mesmo de áudios compartilhados via aplicativos de mensagens, que levavam às comunidades mais afastadas notícias fundamentais no enfrentamento da Covid-19 (Cruz et al., 2020). Ao serem utilizados para a disseminação de informações essenciais, mas serem produzidos pelas próprias comunidades, a partir da compreensão de significados localizados, próprios de seus contextos culturais, esses produtos transformaram-se em soluções locais (Geertz, 2014) para uma demanda premente de comunicação pública em saúde. Valorizar a cultura local no processo de construção de conhecimento propicia, ainda,

a reconstrução de autoestima e da dignidade das pessoas afetadas pela dominação ocidental (Marin, 2009).

De acordo com Tupinambá (2016), a etnomídia indígena é adotada como estratégia para trazer reconhecimento, visibilidade aos direitos, respeito, notícias de interesse deste público, resgate cultural e, principalmente, é uma forma de quebrar antigos estereótipos ou preconceitos ocasionados pela falta de informação especializada nos principais veículos de comunicação. É uma mídia livre de alguns formatos preestabelecidos e condicionados às estruturas fechadas no jornalismo e que trabalha sobre seis eixos: 1) Construção de uma comunicação indígena cidadã, com vistas à promoção da identidade indígena e do empoderamento comunitário; 2) Resistência e descolonização, com base na oposição aos modelos hegemônicos, na preservação das tradições, na resistência e na resiliência; 3) Mobilização e educação, com educação sobre Direitos Humanos e Indígenas, informação e sensibilização, educomunicação comunitária e participação ativa; 4) Pluralidade e inclusão, pautadas na ecologia de saberes e no diálogo intercultural; 5) Inovação e sustentabilidade no uso de tecnologias em comunicação e seus modelos de mídia; e 6) Autonomia e autorrepresentação na comunicação, com voz ativa dos povos indígenas tanto em meios de comunicação de massa como em mídias indígenas (Tupinambá, 2024b).

Mesmo estando inseridos numa perspectiva tecnológica ocidental, os formatos comunicacionais sonoros, incluindo os mais recentes, como o podcast, empregam uma dinâmica decolonizadora e emancipadora quando adotados como produção indigenista, por compreenderem o tempo indígena e dialogarem com a ancestralidade e oralidade da cosmologia indígena (Nascimento, 2021). Consiste em um tipo de oralidade que, ao mesmo tempo em que transmite saberes aos indígenas mais novos – inseridos no contexto do mundo virtual e tecnológico –, também contribui para que os não indígenas

respeitem e compreendam o modo de vida e a cultura dos povos originários, com seus pensamentos se expandindo em todas as direções, vindo de seus antepassados e sem desaparecer, já que suas palavras estão gravadas em suas mentes e em sua sabedoria ancestral (Kopenawa & Bruce, 2015).

Acontece assim. Os jovens moradores e convidados começam a cantar respondendo uns aos outros, aos pares, de pé um diante do outro, na praça central da casa. Quando terminam, vão sendo substituídos aos poucos pelos homens mais experientes, que vão se sucedendo sem descanso até o meio da noite. É isso que chamamos de wayamuu. As palavras desses diálogos se alongam muito. São como as notícias de rádio dos brancos (Kopenawa & Bruce, 2015).

Análise e discussão dos resultados pela linha do tempo

A seguir, destacamos três produções da etnomídia indígena sonora e os contextos sociais e tecnológicos em que se desenvolveram, a fim de compor a linha do tempo a que se propõe este artigo. Sendo assim, será possível contextualizar a importância da oralidade por meio da relação existente entre a comunicação indígena e a mídia sonora, exemplificada nos três casos escolhidos que se diferenciam pelos canais utilizados: Rádio USP/Programa de Índio (analógico), Rádio Yandê (rádio online) e Rede Wayuri (alternativas e podcast).

Programa de Índio (analógico)

Realizado entre 1985 e 1991, em um período de efervescência política e social, quando a luta pelos direitos humanos de segunda dimensão ganhava força no país por meio das discussões que antecederam e ocasionaram a promulgação da primeira constituição cidadã e o movimento indígena estava em um momento de grande articulação e organização, o Programa de Índio⁴ surge como a

⁴ Programa de Índio – Ikore. Disponível em: <<http://ikore.com.br/programa-de-indio/>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

primeira grande iniciativa de etnomídia indígena sonora no Brasil. A ação pioneira “abriu espaços por meio do rádio para o pensamento, a história, a luta e a cultura dos povos indígenas de nosso país” (Programa de Índio – Ikore, n.d.). As edições do programa eram apresentadas por Airton Krenak e outras lideranças indígenas importantes, gravadas em fitas magnéticas e veiculadas pela Rádio USP e outras emissoras educativas em vários estados do Brasil, e se constituíram em uma ferramenta importante na comunicação entre as aldeias e o povo das cidades, com divulgação de informações que não teriam outro canal de veiculação. Para este artigo, entrevistamos Ângela Pappiani, jornalista que atuou na produção do programa. Ela ressaltou que, inicialmente, o projeto tinha um caráter bastante experimental, com poucos recursos e muitos desafios para sua realização.

Não tínhamos nenhuma estrutura; tínhamos duas horas por semana de estúdio para gravação, num horário fixo. Era um momento muito intenso do movimento indígena, com muitas lideranças passando por São Paulo, mas só conseguíamos gravar com quem estivesse aqui naquele dia, naquele horário. Tínhamos duas horas para fazer tudo: gravar, editar e deixar o programa pronto. E o povo indígena, de tradição oral, não consegue lidar com o tempo, não tinha como gravar meia hora de fala, era realmente tudo muito difícil (Pappiani, 2024).

A partir de um pequeno recurso advindo da Fundação Ford⁵, foram compradas fitas de rolo que permitiram a preservação de alguns materiais e, lentamente, algumas condições técnicas foram sendo melhoradas. Segundo Pappiani (2024), começaram a chegar fitas das aldeias, de lugares remotos, na caixa postal da USP, endereçadas ao Programa de Índio. “Eram materiais maravilhosos, porque são

⁵ Brazil - PT - Ford Foundation. Disponível em: <<https://www.fordfoundation.org/our-work-around-the-world/brazil-pt/>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

peessoas de todo canto do país, das aldeias mais remotas, enviando gravações de informação, música, cerimônias e comentários para o programa” (Pappiani, 2024). A jornalista conta que, na época da Constituinte, o Programa reproduzia fitas chamadas de “Jornal Indígena”, um jornal falado, que chegavam às aldeias tempos depois, por meio de uma rede de colaboradores criada para distribuir esse material em lugares sem correio: pessoas da área da saúde, da educação, antropólogos, amigos que iam para essas localidades. Mesmo recentemente, em visita a essas aldeias, Ângela afirma que as pessoas mostram com orgulho as fitas guardadas.

E eles continuam ouvindo tudo, porque é atemporal. Os assuntos tratados nesse programa continuam valendo; infelizmente, a realidade é a mesma ou ainda pior em alguns lugares. Hoje, tem uma juventude que tem internet na aldeia que entra no site e escuta para entender a sua história, para saber quem foi seu avô, seu tio, que não conheceu. A gente recebia muita carta, tanto de indígenas quanto de não indígenas (Pappiani, 2024).

Em 2009, o acervo de quase 200 programas de rádio foi digitalizado e disponibilizado no site Programa de Índio, criado pelo Núcleo de Cultura Indígena. Mais recentemente, o projeto conseguiu recurso para digitalizar as fitas recebidas das aldeias. “Começamos a trabalhar nisso há duas semanas, tentando salvar esse material que tem mais de 40 anos, uma memória maravilhosa do povo indígena deste país. São informações valiosas”, conta Pappiani (2024). Sobre a forma como os povos tradicionais se apropriam das tecnologias de comunicação, a jornalista é enfática: é algo natural, orgânico. Faz parte do instinto de resistência desses povos.

Os povos tradicionais, sejam indígenas, quilombolas, ou outros, têm essa característica de resistência, sobrevivendo após séculos de massacres e ocupações violentas. Eles se mantêm porque possuem estratégias muito orgânicas, muito especiais. São estratégias que o mundo dos brancos não entende. Solidariedade, mutirão são instituições fortes nas suas vidas há milênios. Acho que, por isso, essa população resistiu e sempre buscou maneiras de se manifestar. Não começou com o Programa de Índio. Se a gente for buscar na história, essas populações sempre buscaram formas e estratégias de se manifestar e defender seus territórios e modos de vida.

O Programa de Índio foi esse presente dos céus porque ele era muito verdadeiro. A vontade de fazer era tão verdadeira e tão legítima que ele aconteceu. A tradição oral faz parte desse povo. Então, ninguém precisava fazer roteiro para um programa de rádio acontecer, sabe? É natural, é orgânico. E eu acho que cada vez que uma nova tecnologia chegou, essa nova tecnologia foi apropriada, foi deglutida e virou alguma outra coisa para crescer, para o povo se fortalecer. Acho que o rádio fez isso (Pappiani, 2024).

Com a chegada da internet, a comunicação foi facilitada e, segundo Pappiani, com ela chega nas comunidades o que é bom e o que é ruim, cabendo à sabedoria de cada povo, de cada aldeia, o controle do uso dessas tecnologias, mas com a permanência em suas tradições. “As tecnologias que chegarão também serão apropriadas, beneficiando a qualidade de vida e reforçando a cultura e a tradição. Eu tenho muita confiança nisso, que tem uma moçadinha incrível fazendo coisas muito, muito importantes” (Pappiani, 2024).

Rádio Yandê (online)

No ar desde novembro de 2013, a Rádio Yandê⁶ tem como objetivo difundir e potencializar a cultura indígena. Conversamos com Anápuàka Tupinambá, um dos fundadores da primeira rádio online

⁶ Home - Rádio Yandê. Disponível em: <<https://radioyande.com/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

indígena do Brasil, que conta com correspondentes em todo o território nacional em uma programação que dura 24 horas, 7 dias por semana, distribuída em categorias como Turismo Indígena, Tecnologias, Saúde e Bem-Estar, Saberes e Conhecimento, Meio Ambiente e Sustentabilidade.

A Yandê surgiu em um contexto de experimentação na internet, quando Anápuaka sentiu a necessidade de aplicar o conceito de etnomídia aos povos indígenas (no plural, já que são mais de 300), possibilitando que utilizassem suas próprias linguagens para externalizar suas culturas em seus próprios contextos, criando suas próprias narrativas e redes de comunicação. Autodidata e curioso por natureza, Tupinambá já lidava com programação, Wordpress, PHP⁷, transmissão via streaming e precisava reunir, então, todos esses conhecimentos e mais dois amigos, que também fossem indígenas, para tirar a ideia da Yandê do papel. Foi assim que Renata Machado Tupinambá e Denilson Baniwa se somaram ao projeto (Moura, 2025).

A comunicação indígena se baseia no processo da diversidade étnica cultural. A partir do momento que essas culturas são flexíveis e mutáveis, a comunicação e a linguagem seguem o mesmo parâmetro para atender as necessidades daquela sociedade, para se fortalecer internamente e depois expor externamente para a sociedade não indígena. Saber quem nós somos, fixar a nossa história a partir de ferramentas comunicacionais, sejam analógicas ou digitais (Tupinambá, 2024a).

Por não estar presa ao sistema econômico que pauta as agências de publicidade ou às mídias institucionais que assessoram governos e entidades, a Yandê pode tratar dos temas que quiser durante o tempo que quiser, sem preocupações com patrocinadores ou intervalos comerciais. Como explica

⁷ O PHP é uma linguagem de programação utilizada para desenvolver aplicações web e sites. É uma linguagem de código aberto, o que significa que o código-fonte fica disponível para o público, permitindo que os desenvolvedores o utilizem como desejarem.

Anápuàka, o tempo é algo precioso quando se trata de mídia indígena. “A gente tem autonomia e protagonismo; a gente fala do que quiser, para quem quiser, quando quiser, e isso é uma coisa muito relevante pensando em mídia no país. Em mídia indígena, muito mais” (Tupinambá, 2024a). O protagonismo de que fala Tupinambá trata-se tanto do comunicar quanto do ser o objeto da comunicação. Na época que antecedeu e motivou a busca de mais conhecimento para o lançamento da Yandê, conta ele que pesquisava na internet sobre indígenas, e o que encontrou o deixou perplexo.

Foi decepcionante, depressivo, porque a gente só estava ali a partir do que era escrito pela academia, pela antropologia, em um viés muito seco, rígido e, ao mesmo tempo, que não tinha nada a ver com a nossa realidade, com o que a gente dizia. Era o outro dizendo sobre nós. “Ele quis dizer, eu digo que ele é e é assim que eles são”. Mas não era nada daquilo que eu estava vendo, ainda mais que eu encontrei coisas falando do meu povo. Certo, mas se a gente não se apropria da ferramenta, a gente não consegue avançar. E eu comecei a me autoprovocar, lembrando-me da pergunta: por que nós não tínhamos a nossa própria mídia? (Tupinambá, 2024a).

Atualmente, após 11 anos de existência – sem patrocínio, graças ao racismo publicitário –, a Yandê segue atuando como uma das referências em etnomídia sonora indígena no país e no mundo, buscando a notícia a partir de pessoas que atuam diretamente nas comunidades, vivenciando no dia a dia as lutas e as demandas dos povos indígenas (Destaques - Rádio Yandê, n.d.). De acordo com Tupinambá, é uma fase mais laboratorial, voltada para o colonismo que aproveita a aptidão dos colaboradores direto das bases, e para a tecnologia de validação das pautas que vêm das comunidades a fim de verificar a veracidade das notícias.

Se [a notícia] já chegar com carimbo, possivelmente falsa ou verdadeira, a partir de um sistema autônomo que valide isso – eu falo autônomo não é pela inteligência artificial, mas sim por personas

que certifiquem –, a gente consegue fazer entrega de melhores conteúdos e informações, e que venham a partir do nosso próprio povo (Tupinambá, 2024a).

Rede Wayuri (alternativas e podcast)

A Rede Wayuri⁸ nasceu com o nome de Rede de Comunicadores Indígenas do Rio Negro. Ligada à Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e com assessoria do Instituto Socioambiental (ISA), foi criada em novembro de 2017 e é composta por comunicadores indígenas de oito etnias: Baré, Baniwa, Desana, Tariana, Tukano, Tuyuka, Wanano e Yanomami.

Conversamos com Cláudia Ferraz, do Povo Wanano, uma das comunicadoras fundadoras e articuladoras da Wayuri. Ela conta que, no início, os comunicadores produziam mensalmente o boletim de áudio Wayuri, informativo que visava levar informação sobre os territórios indígenas do Rio Negro às suas 750 comunidades, com notícias de interesse dos 23 povos rionegrinos. Esses boletins circulavam por meio do Whatsapp, radiofonia e transmissão de arquivo por bluetooth ou aplicativos como ShareIT, “viajando” pelas cidades conforme os correspondentes da rede iam tendo acesso ao material finalizado, para serem tocados nos rádios-poste das comunidades, caso essa fosse a maneira mais prática de compartilhar a informação com todos.

Em 2017 foi bem desafiador. Dentro do território não tinha tantos pontos de internet como tem hoje em dia. A gente usava várias alternativas: aproveitava quando havia viagens da Federação para dentro do território, comprava pen drives, selecionava os boletins e mandava; ou quando os comunicadores vinham para cá, a gente baixava no celular, colocava para eles pelo aplicativo, eles levavam, distribuíam e eles sempre davam retorno que estavam ouvindo naquelas “bocas-de-ferro”, como eles chamam,

⁸ Rede Wayuri - FOIRN. Disponível em: <<https://foirn.org.br/rede-de-comunicadores-indigenas-do-rio-negro/>>. Acesso em: 21 fev. 2025.

que eles têm por lá e que funcionam como “rádio-poste”. Quando eles têm aquelas reuniões comunitárias que acontecem todo final de semana, ou um mutirão, onde está todo mundo por perto, eles colocam lá na caixa de som para o pessoal poder ouvir (Ferraz, 2024).

Desde a primeira formação da Rede, que contou com a participação de 16 comunicadores (atualmente são cerca de 60), a Rede cresceu e expandiu não apenas sua equipe, mas também sua forma de atuação. O boletim de áudio foi também para as plataformas de podcast, como o Spotify⁹; a Wayuri teve programa de rádio em emissora da cidade – uma demanda trazida pela pandemia; e agora a nova empreitada é a rádio online.

A pandemia, inclusive, foi um período que exigiu muito da Rede Wayuri e alçou o nome da iniciativa ao mundo, fazendo com que se tornasse reconhecida e premiada pela produção de informações confiáveis e pelo enfrentamento às notícias falsas no combate ao coronavírus (Hamdam, 2022). Para produzir as notícias, a equipe da rede de comunicadores trabalhou juntamente com os profissionais de saúde. Somava-se ao contexto o trabalho delicado de tradução, uma vez que, para atingir a todos, indistintamente, houve a preocupação de levar às aldeias as informações nas principais línguas maternas faladas pelos povos da região: o Nheengatu, o Baniwa, o Tukano e o Yanomami. Segundo Radler (2023), a perspectiva intercultural na comunicação entre indígenas e não indígenas nesse contexto trouxe também esperanças de entendimento e enfrentamento da pandemia, com a troca de conhecimentos entre o saber tradicional indígena e meios xamânicos de proteção e cura e cuidados preconizados pela medicina dos brancos. Para Cláudia Ferraz, uma das principais missões da

⁹ Audio Wayuri | Podcast on Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/4uOdGefml3DNMXfKl1oeRB>>. Acesso em: 21 fev. 2025.

Rede Wayuri é representar a comunidade na qual está inserida, e falar por ela já que nem sempre isso foi possível.

Vêm muitas pessoas de fora que fazem entrevistas e veem coisas mais superficiais e quando elas vão colocar ou postar em algum lugar, elas colocam, às vezes, coisas muito distorcidas. Então, os parentes mais velhos, eles olham a gente e falam assim: vocês são nossos jornalistas. É como se eles se sentissem à vontade, tipo assim, vocês nos representam, vocês que falam por nós, vocês levam as nossas vozes. Então, acho que a Rede traz também esse peso, essa responsabilidade muito grande, porque é uma representação que leva os 23 povos (Ferraz, 2024).

Considerações finais

A etnomídia indígena se constitui verdadeira arma na luta pela emancipação e posicionamento dos povos originários enquanto cidadãos do Estado brasileiro. É uma ferramenta comprovadamente essencial para que a história seja contada por seus protagonistas de fato. O trajeto da pesquisa apresentada permite revisar três momentos marcantes de etnocomunicação indígena sonora com suas respectivas características e principais expoentes.

O Programa de Índio, com sua realização entre as décadas de 80 e 90, em uma rádio analógica na época - a Rádio USP - refletiu o período de transição tecnológica e democrática, em que o movimento nacional indígena, com o apoio de outras entidades, começou a formalizar sua organização. A iniciativa foi pioneira e alcançava públicos tanto nas aldeias quanto nas cidades, interessados nas ricas culturas indígenas.

A Rádio Yandê, também pioneira, liderou os povos indígenas na corrida das rádios online, que nos anos 2000 vinham, se não substituir, se somar ao tradicional dial, com a praticidade da internet. A

curadoria de música, artistas e personalidades feitas pela Yandê apresentou ao Brasil e ao mundo vários dos nomes que hoje são conhecidos do grande público não indígena, o que mostra a força no rádio indígena, da internet, e do rádio indígena na internet.

A Wayuri, chegando poucos anos depois, refletiu a rapidez com que as tecnologias comunicacionais têm se transformado ao longo das últimas décadas. Os aplicativos de mensagens, os serviços de streaming e os serviços on demand se popularizaram vertiginosamente, pouco depois do nascimento da Yandê. Em poucos anos, muito aconteceu, especialmente o podcast. E uma pandemia aconteceu entre o surgimento da Rede Wayuri e o seu agora, que já calcula quatro vezes mais comunicadores, uma rádio online e alguns prêmios internacionais.

Este artigo não esgota o tema da etnomídia indígena sonora no Brasil nem ignora outras iniciativas importantes no formato. No entanto, por questões de tempo e espaço, nos era imperativo trazer aquelas que, por sua potência e alcance, são inspiração e adubo para outras ações, por meio de iniciativas analógicas e digitais puderam compor a importância da oralidade, ou melhor, da comunicação indígena e sua expansão pela mídia sonora.

Após listar os principais representantes da etnomídia sonora indígena do Brasil e ouvirmos pessoas envolvidas em suas produções, podemos desenhar uma linha do tempo (Figura 1) para balizar futuros estudos mais aprofundados sobre o tema, servindo de arcabouço para pesquisadores da área.



Figura 1 – Linha do tempo: Principais expoentes da etnomídia indígena sonora no Brasil (Autoria própria, 2025).

Referências

- Cruz, M. C. da, Bartniski, J. E. V., & Chagas, L. J. V. (2020). O Áudio e a Etnomídia no Combate ao Coronavírus em Comunidades Indígenas. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Virtual, Brasil. <https://bit.ly/3owA18T>
- Destaques - Rádio Yandê. (n.d.). Retrieved February 20, 2025, from <https://radioyande.com/categoria/destaques/>
- Duarte, J. (2006). Entrevista em profundidade. In J. Duarte & A. Barros (Eds.), Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação (pp. 62–83). Atlas.
- Ferraretto, L. A., & Kischinhevsky, M. (2011). Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. Revista FAMECOS, 17(3), 173–180. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2010.3.8185>
- Ferraz, C. (2024, March). Entrevista. São Gabriel da Cachoeira - Amazonas. 60 min.
- Gallois, D. T., & Carelli, V. (1998). “Índios eletrônicos”: uma rede indígena de comunicação. Sexta Feira, 2, 26–31. <https://biblat.unam.mx/es/revista/sexta-feira/articulo/indios-eletronicos-a-rede-indigena-de-comunicacao>
- Geertz, C. (2014). O saber local (14th ed.). Editora Vozes. <https://doi.org/97-1995>
- Hamdam, A. A. (2022, June 1). Rede Wayuri é premiada em Haia por inovação e combate à desinformação. Instituto Socioambiental. <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/rede-wayuri-e-premiada-em-haia-por-inovacao-e-combate-desinformacao>
- IBGE. (2023). Censo Demográfico 2022 Indígenas: Primeiros resultados do universo. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102018.pdf>
- Kopenawa, D., & Bruce, A. (2015). A queda do céu: Palavras de um xama yanomami (1a). Companhia das Letras.
- Marin, J. (2009). Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. Revista Espaço Pedagógico, 16(1), 7–26. <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/article/view/617>
- McQuail, D. (2012). Atuação da mídia: comunicação de massa e interesse público. Penso.
- Milhomens, L. (2022). Organizações indígenas e redes comunicacionais no Brasil: luta e resistência. In L. Milhomens (Ed.), Comunicação, questão indígena e movimentos sociais. EDUA. <https://edoc.ufam.edu.br/handle/123456789/5240>
- Moura, D. A. de. (2024). Tecendo histórias: um bate-papo sobre paixão por rádio, pautas inclusivas e a era de ouro dos podcasts com Paula Scarpin, idealizadora da Rádio Novelo. Revista Alterjor, 29(1), 3–16. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v29i01p3-16>

- Moura, D. A. de. (2025). A comunicação em rede dos povos indígenas e os desafios para a prática da etnomídia no Brasil. *Revista Extraprensa*, 17(2), 278–291. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2024.226562>
- Nascimento, L. G. (2021). *Etnocomunicação Indígena como Prática de Liberdade Decolonialista e Ancestral*. Editora Appris.
- Oliveira, B. P. de. (2017). *Mídia índio(s): comunidades indígenas e novas tecnologias de comunicação*. Contra capa.
- ORTRIWANO, G. S. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.
- Pappiani, Â. (2024, May). Entrevista. Online. 33 min.
- Primo, A. F. T. (2005). Para Além da Emissão Sonora: as interações no podcasting. *Intexto*, 2(13), 1–23. <https://doi.org/10.19132/1807-8583200513.64-87>
- Programa de Índio – Ikore. (n.d.). Retrieved February 19, 2025, from <http://ikore.com.br/programa-de-indio/>
- Radler, J. (2023). Comunicação-escudo. In *Aru: revista de pesquisa intercultural da bacia do rio Negro, Amazônia*, 5, 87–91. Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA).
- Stumpf, I. R. C. (2006). Pesquisa bibliográfica. In J. Duarte & A. Barros (Eds.), *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação* (pp. 51–61). Atlas.
- THIOLLENT, Michel J. M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2. ed. São Paulo (SP): Cortez, 1986.
- Travancas, I. (2006). Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In J. Duarte & A. Barros (Eds.), *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação* (pp. 98–124). Atlas.
- Tupinambá, A. (2024a, April). Entrevista. Online. 54 min.
- Tupinambá, A. (2024b, June 10). *Jornalismo e Povos Originários: O Papel Transformador da Etnomídia Indígena. Rádio Yandê*. <https://radioyande.com/jornalismo-e-povos-originarios-o-papel-transformador-da-etnomidia-indigena/>
- Tupinambá, R. M. (2016). Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos. *Jornal de Fato - Cultura*. <https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios>